

Um pioneiro: homenagem a Francisco Alvim

O mundo científico português sofreu uma grande perda com a desaparecimento de Francisco Alvim que nele desempenhou um relevante papel de pioneiro até à data recente da sua morte, ocorrida em 3 de Agosto de 1984.

Francisco Manuel Barreto Alvim nasceu em Alter do Chão em 8 de Novembro de 1917. Tendo seguido o ensino secundário no Colégio Militar, iniciou os seus estudos superiores em 1936 na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa. Trabalhou nos Hospitais (no Hospital Escolar de Lisboa e nos Hospitais Cíveis de Lisboa) a seguir à sua licenciatura, em colaboração com dois grandes mestres da Medicina Portuguesa: Pulido Valente e Diogo Furtado.

O ano de 1953 marca uma viragem na sua carreira. Tendo-se especializado em Neurologia e Psiquiatria e constatando os limites humanísticos e epistemológicos destas especialidades médicas, resolve enveredar por uma carreira psicanalítica que até então não fôra no nosso país senão fragmentariamente explorada. Parte para a Suíça, para Genebra, onde florescia uma escola freudiana de grande rigor chefiada por Raymond de Saussure (filho de célebre linguísta Ferdinand de Saussure). Fez análise pessoal com Michel Gressot. Mais tarde, depois de terminada a sua longa permanência em Genebra deu ainda seguimento à sua análise didáctica, em Paris, com Ilse Barande.

Exerceu como psicanalista em Genebra e depois de completar o seu treino analítico volta a Lisboa em 1960.

Em Genebra além da sua prática analítica organiza um Serviço de Medicina Psicossomática na Policlínica Médica do Hospital Cantonal de Genebra (Prof. Eric Martin). Estruturou e dirigiu um Seminário para investigação da delinquência, junto da Comissão de Patronagem e da Tutoria da Infância do Cantão de Genebra.

Devido ao êxito desta iniciativa organiza um grupo de estudo médico-psico-jurídico para aprofundamento dos problemas de delinquência e criminalidade juvenil.

Depois da apresentação das dissertações ou memórias exigidas é aceite por unanimidade como membro aderente da Sociedade Suíça de Psicanálise e pouco tempo depois como membro titular, didáctico dessa Sociedade.

De regresso a Portugal, em 1960 como dissemos é fundador com dois colegas do primeiro grupo de psicanalistas portugueses que é integrado provisoriamente na Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise, Sociedade componente da Associação Psicanalítica Internacional.

Tendo já exercido funções de ensino psicanalítico na Suíça, essa actividade é muito intensificada e reforçada em Portugal onde realiza inúmeros Seminários teóricos e práticos, cursos, lições e supervisões de casos clínicos, em presença de especialistas já formados ou em formação. É Presidente do Grupo de Estudo Psicanalítico Português que resulta da separação dos analistas portugueses dos seus colegas espanhóis, após a desparição da antiga Sociedade Luso-Espanhola. Conserva durante largos anos essa posição de Presidente do Grupo de Estudo Psicanalítico, e é o Director do Ensino e Treino Psicanalítico em Portugal — também durante vários anos.

Após o 25 de Abril é nomeado pelo Ministério da Justiça para fazer parte de um grupo destinado a investigar problemas de delinquência, integrado nos Serviços Tutelares de Menores, de modo semelhante ao que já tinha acontecido na Suíça.

Também em 1974 é convidado pela Secção de Psicologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para orientar e dirigir um curso livre sobre «Introdução à Psicanálise». Devido aos seus méritos didácticos e ao seu Curriculum é nomeado Professor Auxiliar Convidado pela Comissão Instaladora do Curso Superior de Psicologia, continuando no entanto como regente da disciplina «Introdução à Psicanálise» na Faculdade de Letras de Lisboa.

De 1945 a 1984 publicou mais de trinta trabalhos científicos, versando a Neurologia, a Psiquiatria, a Medicina Psicossomática, a Psicanálise. Não só nos seus trabalhos escritos mas igualmente em um grande número de Conferências e Comunicações mostra a grande abertura do seu espírito e conhecimentos de enorme envergadura. Muitas dessas Conferências e Comunicações estão escritas e poderiam ser publicadas, pois todas elas são altamente originais e focam problemas importantes que não perderam actualidade.

Nos últimos anos da sua vida, cultivou de modo mais ou menos consciente, a identificação com Sigmund Freud, chegando mesmo a deixar crescer uma barba muito semelhante à que usara o fundador da Psicanálise. Mas este mimetismo não era completo, pois a personalidade de Francisco Alvim era demasiado original para se deixar assim moldar por essa influência exterior. Por exemplo, não o preocupava a sobrevivência de uma obra escrita, ao contrário do que aconteceu com o mestre de Viena. Não deixou grossos volumes e como já dissemos não cuidou de imprimir muitos trabalhos que mereciam divulgação. A sua identificação com Freud era mais baseada na noção de traços psicológicos comuns: como este, ele era alguém que pelo seu espírito destemido, pela sua generosidade, pela simpatia que

irradiava, pelo entusiasmo, tinha sido capaz de criar uma escola de Psicanálise em Portugal. Tal como Freud reunira à sua volta um grupo de homens que depois da sua morte continuariam a sua obra.

Muitos cientistas tornam-se conhecidos através dos anos e mesmo depois da morte por obras ou criações independentes das suas características pessoais. Muitas vezes essas obras só vêm a ser conhecidas depois do seu autor desaparecido.

Não sucedeu assim com Francisco Alvim que pertencia a um grupo diferente de grandes homens, que exerceram a sua influência através de contacto pessoal, de palavras, de atitudes que afectaram aqueles que de perto ou mesmo mais de longe conviveram com ele. A influência das individualidades deste segundo grupo muitas vezes não é menor do que a exercida pelos autores de obras profundas ou extensas.

O futuro se encarregará de mostrar que Francisco Alvim não será facilmente esquecido, mesmo quando tiverem desaparecido os que o conheceram directamente. Terá deixado marca definitiva na evolução da ciência psicanalítica em Portugal, tal como aconteceu num campo diferente com outro grande vulto da Medicina portuguesa — Pulido Valente — cuja obra escrita foi talvez ainda mais escassa do que a de Francisco Alvim.

No livro de homenagem ao nosso comum mestre Diogo Furtado escreveu Francisco Alvim em 1963, para apontar o que considerava mais importante neste amigo respeitado que dentro em pouco iria desaparecer:

«A curiosidade e à inquietação, à insegurança e à dúvida, próprias do verdadeiro médico e realizador que ele é, opõe-se uma segurança misturada com seu quê de altivez, que confunde os reactivos, mas que para os activos, discípulos ou amigos é reconhecida como reconfortante e 'terapêutica'. Empregámos aqui este termo que parecerá talvez deslocado no contexto. Não obstante, ao empregá-lo, pensámos na ansiedade do jovem médico ao abordar os difíceis problemas dos doentes, sobretudo os que derivam da patologia neuropsiquiátrica.

A qualidade de poder inspirar segurança, ali mesmo onde a não há, é talvez a essencial característica de Diogo Furtado como mestre.» (O sublinhado pertence ao texto original).

Estas últimas palavras que Francisco Alvim em determinada época gostava de recordar, também se aplicavam bem a ele próprio. Como pioneiro de um novo saber soube «inspirar segurança ali mesmo onde a não há». Esta segurança era necessária para lançar num ambiente estranho os novos conhecimentos que até então não tinham encontrado praticamente eco em Portugal, mudar completamente a orientação de uma psicopatologia estritamente organicista (lesional) e quanto à personalidade, afastar uma inspiração unicamente heredo-constitucional. Isto no que diz respeito aos futuros especialistas, educados numa escola médica de tendências bem opostas àquelas que ele ousava propor.

Nos pacientes, eles próprios, era necessário fazer crescer uma nova mentalidade, que os levasse a questionarem-se a si próprios e ao real, numa atitude subjectiva e inter-subjectiva, que era estranha ao «realismo», ao positivismo, à atitude anti-filosófica e anti-psicológica dos portugueses em geral.

Francisco Alvim, tranquilamente ao propor-se realizar com segurança o impossível, foi capaz de lançar os fundamentos de uma obra que não perecerá. Por esta obra, e por tudo o resto que ele era, merece a nossa gratidão e o nosso affecto sem fim.

PEDRO LUZES

NOTA — Já depois de completado este artigo chega ao nosso conhecimento que uma das afirmações nele contidas será em breve desmentida. Aqueles trabalhos que Francisco Alvim deixou inéditos e que na nossa opinião mereciam ser divulgados, virão a sê-lo dentro em breve. Auxiliado por um dedicado aluno da Faculdade de Letras, acabou ele próprio em vésperas da sua morte de rever para impressão aqueles trabalhos que apresentara em Conferências ou Comunicações, mas que até recentemente nunca cuidara em divulgar para um público mais vasto.